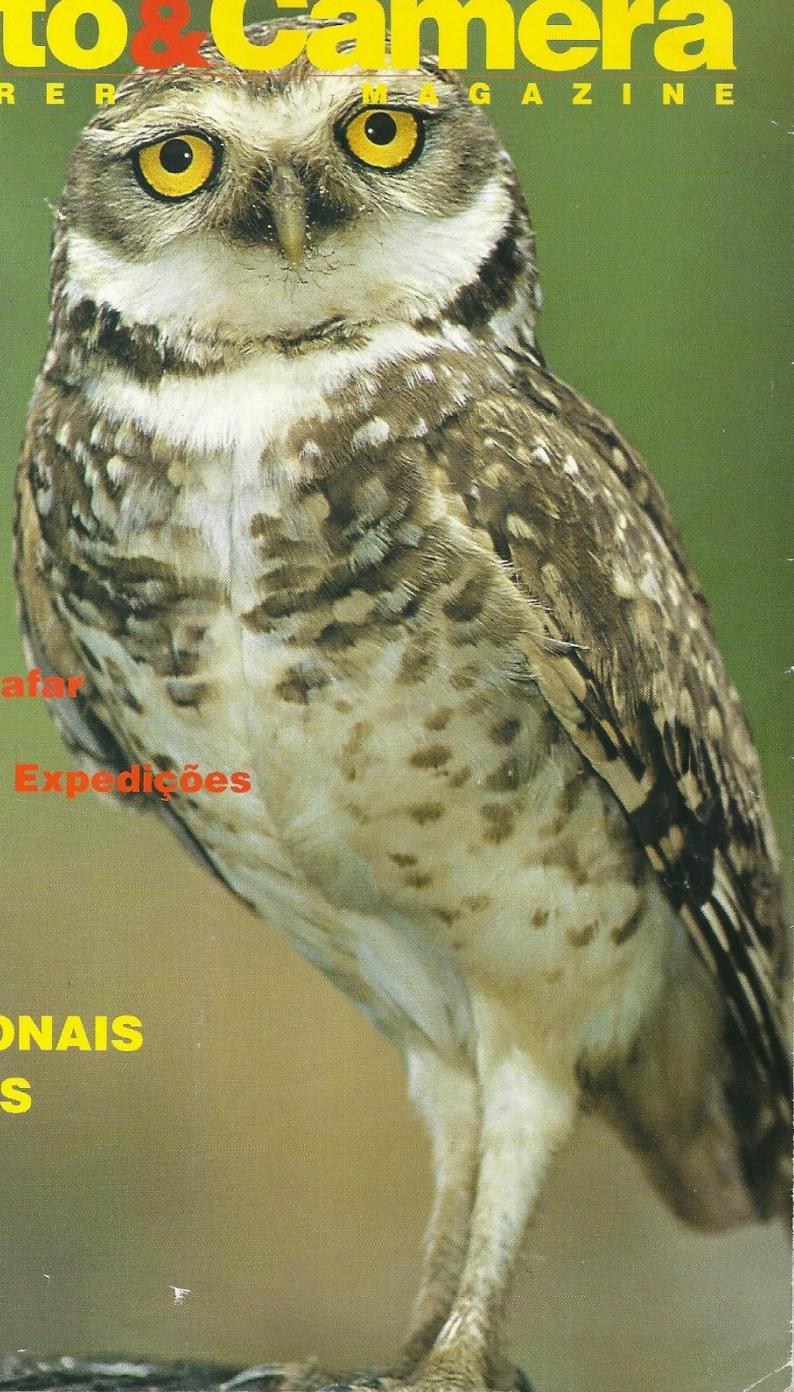


# Photo&Camera

EXPLORER MAGAZINE

Nº 11 - ANO 2 - R\$ 8,90



**Filtros**  
**Polarizador**  
**Graduado**  
**Illuminação**  
**Fill in flash**  
**Contraluz**  
**Como Fotografar**  
**Morcegos**  
**Fotógrafo de Expedições**  
**Alto Xingu**

**DICAS  
PROFISSIONAIS  
PARA SUAS  
FOTOS  
OUTDOOR**



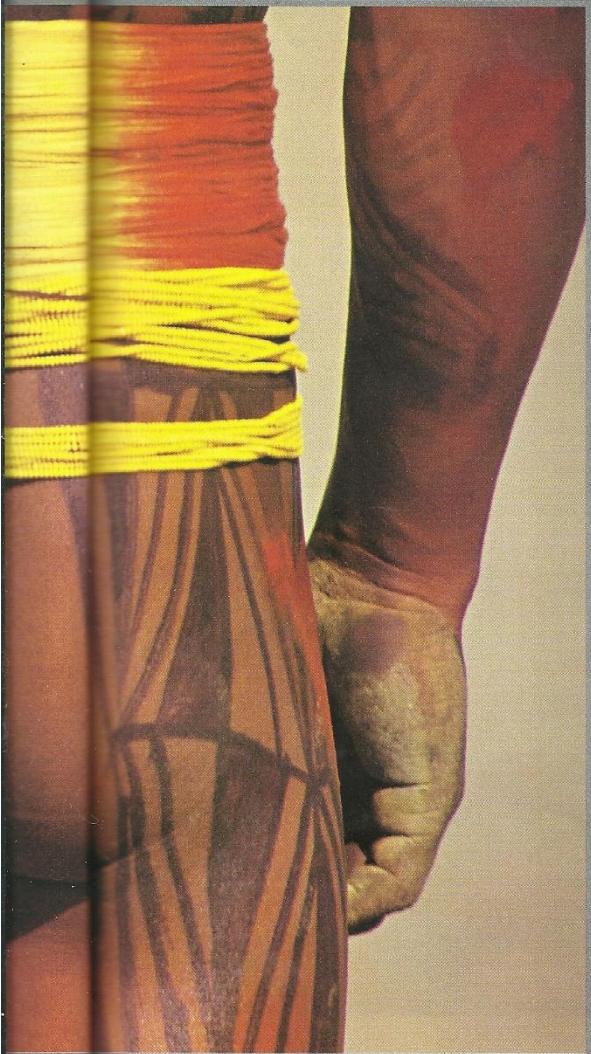
9 771516 523000

# FOTÓGRAFO DE

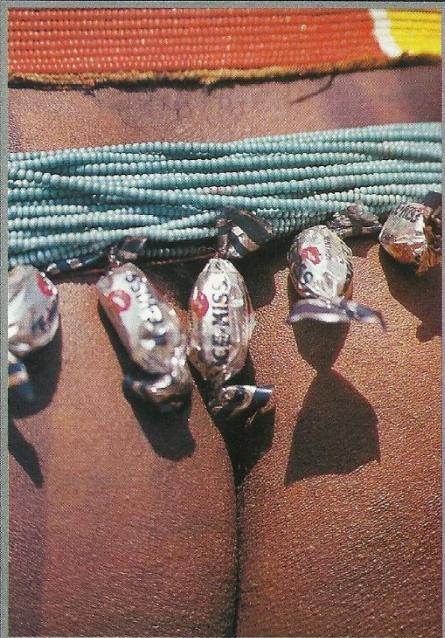
TEXTO E FOTOS: ROSA BERARDO



# DE EXPEDIÇÕES



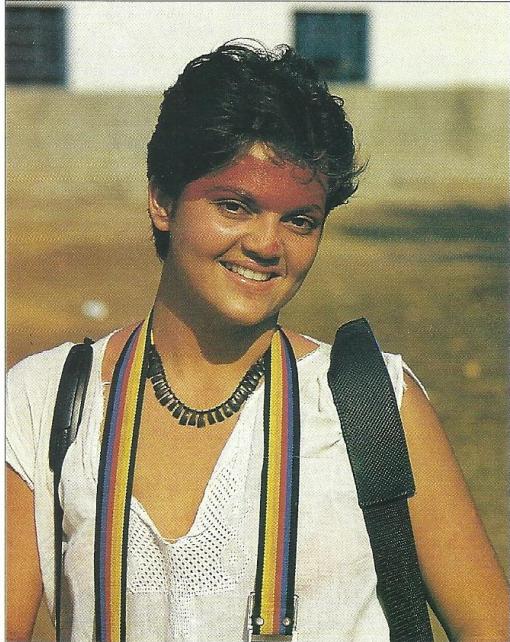
**O** Brasil é um país imenso, rico em diversidades culturais, flora, fauna, tudo o que deixa um fotógrafo de aventuras com as fantasias a mil por hora, querendo pegar uma câmera e sair em busca de imagens. Se isto acontecer com você, principalmente após ter lido algumas de nossas matérias, aproveite o entusiasmo e não deixe de prestar atenção em alguns conselhos técnicos. Eles podem ser muito úteis na obtenção de boas imagens e na manutenção de seu equipamento.



**U**ma experiência da qual posso falar com conhecimento próprio é a vivência numa aldeia indígena, como fotografar índios, conseguir permissões para as fotos, quais equipamentos usar e como cuidá-los. Durante os anos de 1985 a 1992 visitei periodicamente as aldeias indígenas do Xingu para executar registros fotográficos que pudessem servir como documentos visuais. Meu tempo de permanência nas aldeias era de 30 a 40 dias seguidos, duas a três vezes por ano. Como o objetivo das viagens era apenas fotografar, as malas iam carregadas de equipamentos fotográficos e filmes. O importante nestas viagens a lugares de difícil acesso é ter a mão duas câmeras fotográficas, se possível uma totalmente manual, pois estas são mais resistentes e não quebram facilmente.

Este ensaio fotográfico foi realizado com a intenção de privilegiar detalhes de pessoas e objetos. Em meus arquivos tenho imagens dos índios em planos gerais onde a grande angular nos passa um grande número de informações sobre o contexto de onde a foto foi extraída. Esta forma por mim escolhida para evidenciar diferenças e particularidades das culturas indígenas agrupadas no Parque Nacional do Xingu, pode parecer num primeiro momento, uma maneira de retirar o índio de seu meio-ambiente na hora de retratá-lo, sem explorar os detalhes que uma objetiva com profundidade de campo maior ou maior angulação poderiam oferecer.

Quando optei por utilizar a lente zoom 70 X 210 nesta série de imagens, o fiz por motivos técnicos e antropológicos.



#### MOTIVOS TÉCNICOS

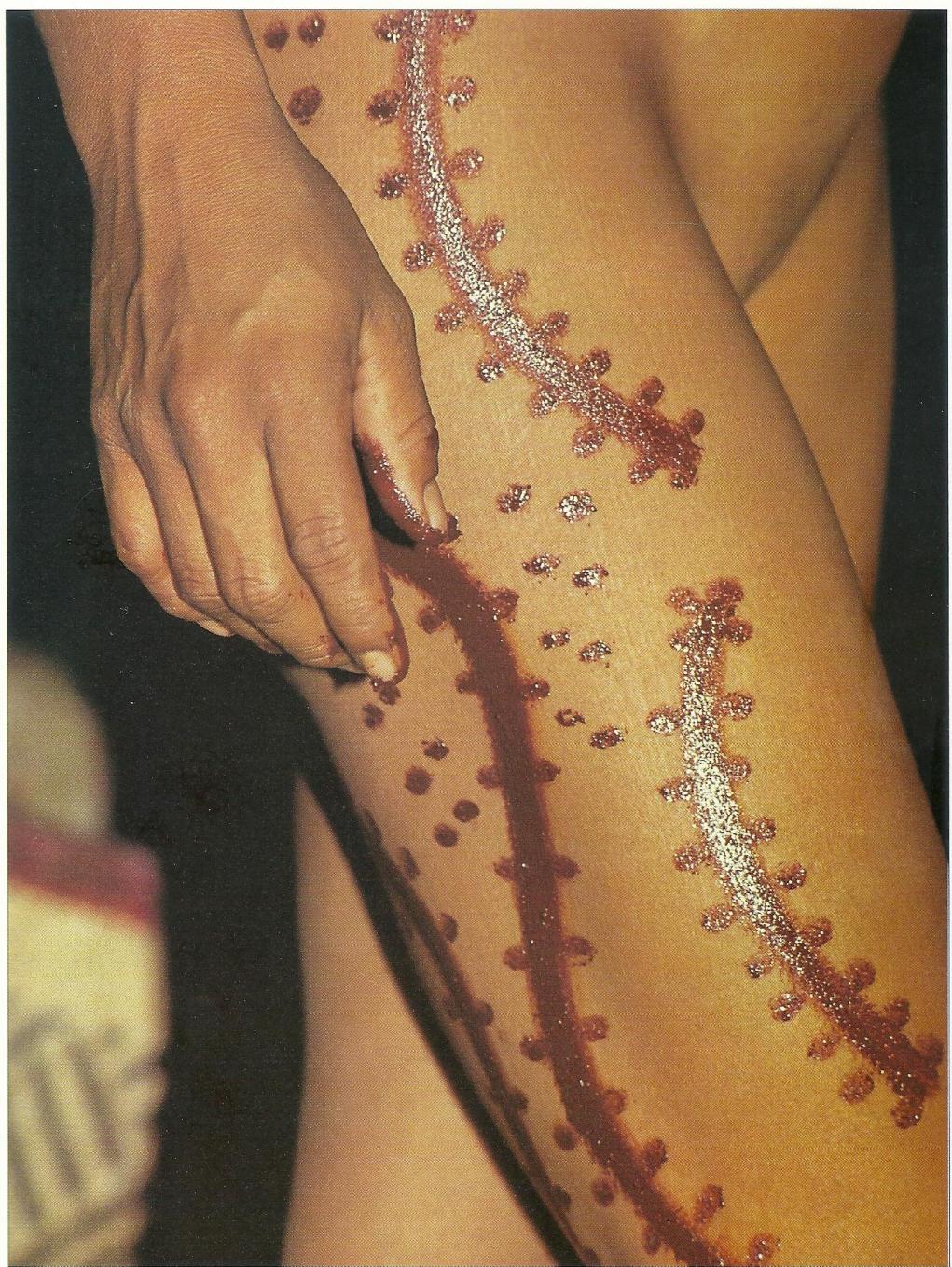
Para evidenciar detalhes é necessário uma lente que aproxime o assunto e faça com que ele tome uma dimensão maior no quadro da foto. As objetivas de distância focal longa, como uma 70 x 210, vão formar imagens maiores, documentar com nitidez o primeiro plano e desfocar os planos posteriores, o que é explorado como recurso para se destacar um assunto dos demais. Ao borrar o fundo, o que está em primeiro plano se destaca e fica em evidência.

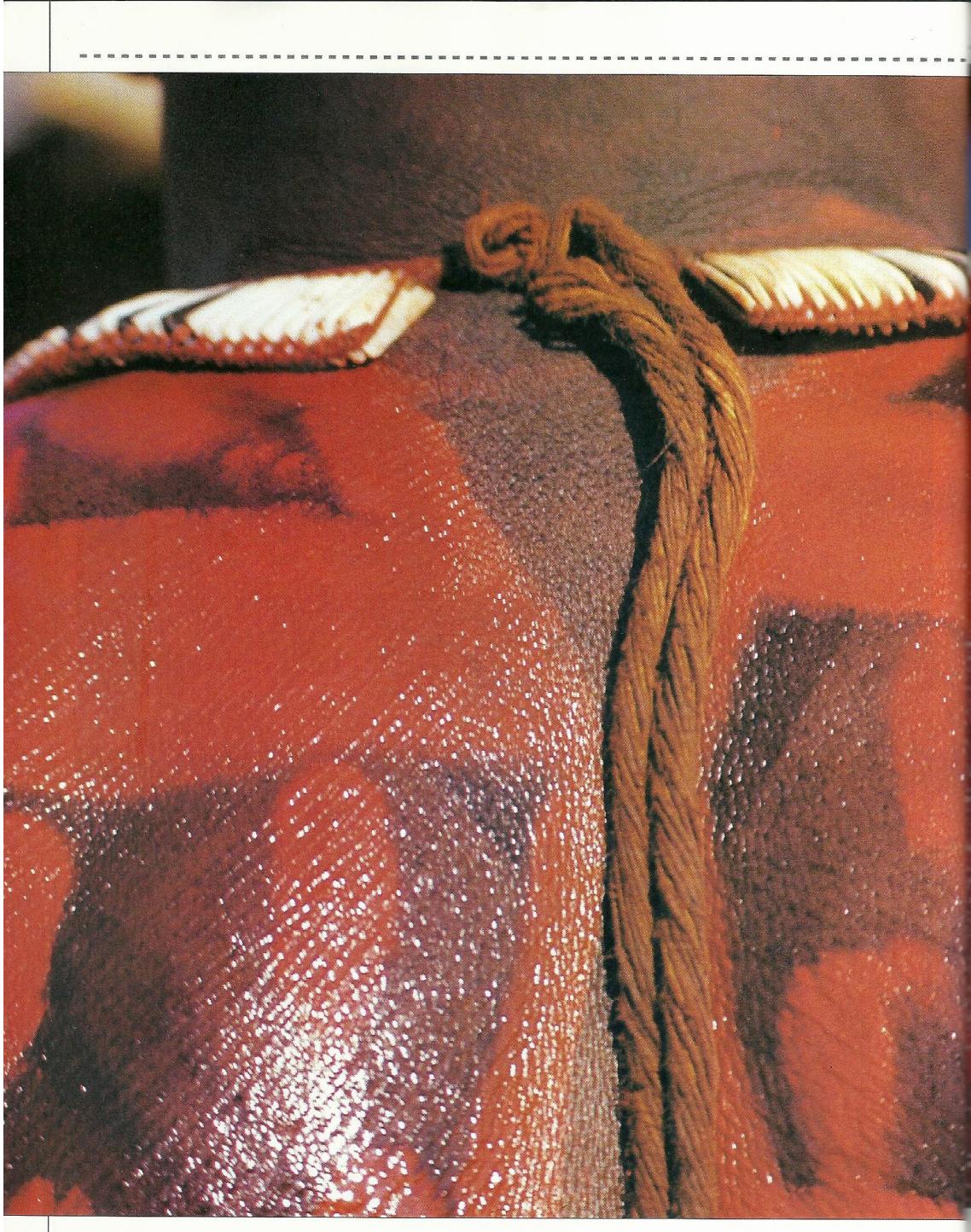
#### MOTIVOS ANTROPOLOGICOS

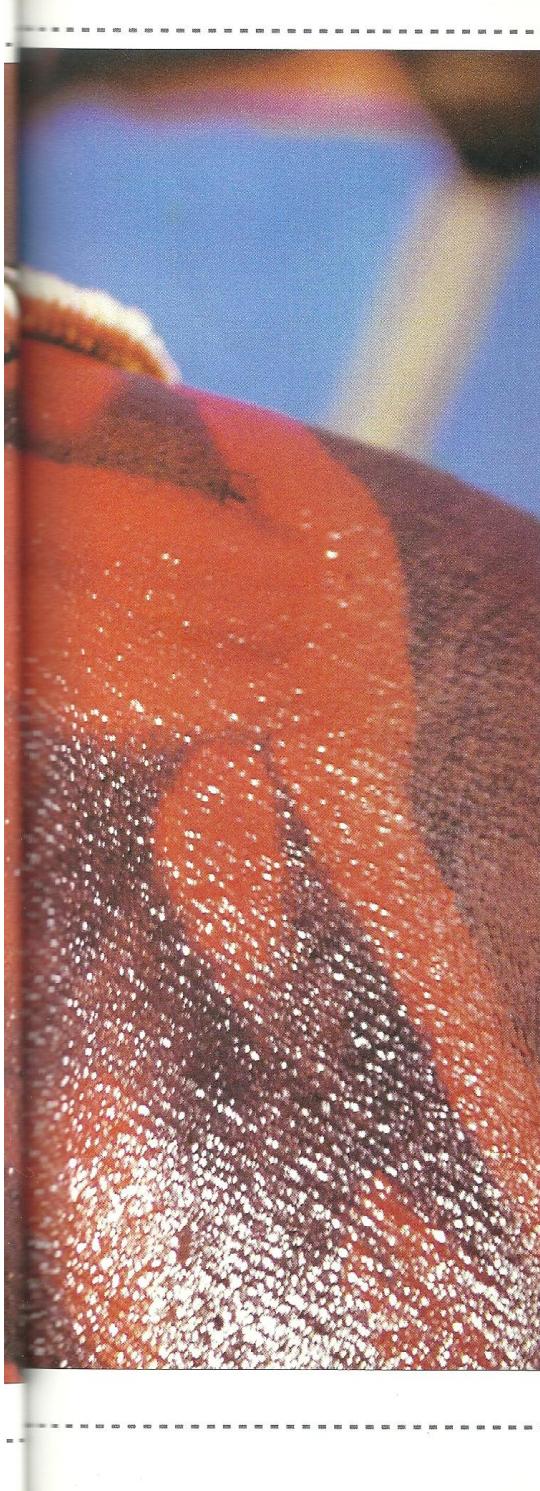
Algumas destas fotos visam valorizar a riqueza do grafismo indígena e a importância cultural que estes povos dão à ornamentação. Os pedaços de corpos recortados evidenciam padrões estéticos e culturais particulares, muito diferentes daqueles compartilhados pelo grupo social em que fomos criados. Para os índios, os adornos fazem parte de seu ritual de beleza e os detalhes são trabalhados com muito cuidado e minuciosidade. Podemos ver nestas imagens a harmonia das composições e os detalhes das formas e cores, perfeitamente combinadas, onde um fundo branco de calcário destaca os objetos ou traços nele superpostos. As linhas em cor preta, traçadas com carvão ou com tinta de genipapo, contrastam com o vermelho do urucum misturado ao óleo de pequi.

Evidenciar nádegas, pernas, pedaços do tórax foi proposital pois muito me chamou a atenção a maneira como os índios lidam com o corpo e com a nudez. Para nós, as nádegas devem ficar escondidas, debaixo das roupas e mesmo com enxertos de silicone, são mostradas geralmente entre quatro paredes, ou com finalidade sedutora. Para os índios o corpo é um todo, sem o fetiche que atribuímos a certas zonas específicas, como bundas, seios, genitálias. Nossos desejos reprimidos culturalmente fazem com que exacerbemos o valor de determinados órgãos e o proibido acaba por ser o mais desejado e fantasiado.

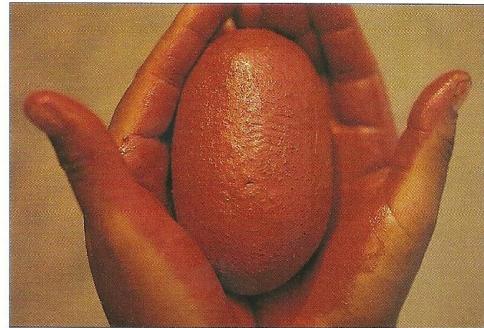
Para um índio, olhar o pé, a mão, o braço de alguém é a mesma coisa que olhar outras partes do corpo, pois nas aldeias onde ainda andam nus, o corpo não adquire conotação sexual por estar despidos. Eles estão apenas no estado natural como nascemos, mas a "naturalidade" e o modo de ver dos indivíduos variam de acordo com as culturas. Para o meu olhar de fotógrafo, achei que estas partes dos corpos enfeitadas se parecem a obras de arte, são quadros onde volumes, cores, traços são explorados de maneira estética produzindo um resultado visual final muito refinado. Cada um vê o mundo de acordo com aquilo que tem dentro da cabeça e esta é minha interpretação, o que não quer dizer que seja a mesma dos autores das pinturas ou de vocês que estão lendo esta reportagem. O importante é cuidar para que nossos pensamentos não sejam generalizados e venhamos a fazer uma projeção no outro nos tomando como ponto referencial para interpretações das coisas que vemos. Se você pensa algo, não quer dizer que eu ou os índios compartilhamos de suas idéias.







A lente zoom foi muito útil para obter estas imagens, pois culturalmente fui treinada a acreditar que não devemos nos aproximar, tocar, olhar fixamente para as nádegas de alguém, já que esta zona é considerada erógena por nossa sociedade. Para fazer os primeiros enquadramentos, ficava tímida, sem saber se os outros índios ou se o modelo ficaria bravo ao me ver mirando minha câmera para seu bumbum. Com a zoom podia manter uma distância dos modelos, recortar e evidenciar esta parte do corpo tão adorada pela comunidade. Muito me surpreendi quando ninguém se opunha às imagens, na verdade eles lidam com o corpo e com a auto-imagem de uma maneira muito mais saudável do que nós, sem idéias perniciosas e sem o desejo de mostrar que são aquilo que não são. Geralmente, ao vermos uma câmera, sentimos a necessidade de fazer uma cara de inteligente, simpático, pois sabemos que este instante congelado irá passar uma imagem nossa àqueles que olharem nossa foto. A fotografia não tem este papel antropológico numa aldeia que tenha pouco contato com a cultura material branca, aliás ela pouco existe nestes lugares e só a conhecem através da presença de um fotógrafo. Por estes e vários outros motivos, ficar diante de uma câmera tem significados diferentes aos membros de uma cultura pouco habituada aos códigos fotográficos. Nem por isso o fotógrafo deve deixar de lado a ética e o respeito por seus modelos, pois sabemos a responsabilidade dos registros visuais e do peso deste discurso.



O urucum é uma semente vermelha que produz um ótimo corante natural. Entre os índios é muito utilizado para as pinturas corporais e possui alto valor de troca na comunidade. Os índios já cultivam o urucum em médias plantações nas aldeias. Para obterem esta pasta vermelha em formato de uma bola, eles cozinharam as sementes, coaram o caldo separando os grãos e deixam a massa secar no fogo até apurar, ou seja, secar a água. Fazem pequenas bolas e as embrulham em folhas para armazenar. Para fazerem as pinturas corporais, umejam a bola com óleo de pequi assim o pigmento se espalha melhor sobre a pele.

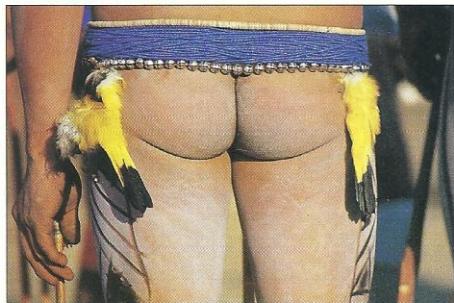
#### O FILME

A película utilizada foi um filme de slides Velvia- Fuji ISO 50, prefiro este filme devido as cores quentes e a nitidez dos grãos pequenos e em número maior, que permitem uma ampliação muito nítida e detalhada. A sensibilidade ISO 50 não atrapalha a medida de luz pois nestas regiões do Brasil o sol é muito forte e sempre temos luz suficiente para fotografarmos com filmes menos sensíveis ou objetivas com pouca luminosidade, desde que estejamos a sol aberto.

#### O DIA A DIA DE UM FOTÓGRAFO NA ALDEIA

Ir à uma aldeia de verdade é muito diferente do que ver um filme de índios ou uma matéria na nossa revista. Pensamos muito pouco nos diferentes costumes existentes entre nossas culturas, nos hábitos físicos e alimentares, nas dificuldades que podemos encontrar devido ao despreparo do nosso corpo e da nossa mente. Os índios não aculturados tem hábitos muito diferentes dos nossos e ir à uma aldeia assim significa em primeiro lugar estar disposto a adaptar-se.

O acesso ao Xingu, por exemplo, só é possível mediante autorização da FUNAI. Para chegar até lá é preciso ir de avião ou de barco, pois não há rodovias até o Parque. A área é bastante isolada e remédios só chegam via aérea. Caso você adoega na aldeia corre o risco de ficar sem medicamento, como acontece também com os índios que às vezes aguardam durante dias a chegada de um avião da FUNAI para serem removidos para uma cidade. Certa vez me convidaram para lutar Huka-Huka com uma adolescente da aldeia Kuikuro. Esta luta se assemelha ao sumô, vence quem derribar o outro no chão ou tocar a parte posterior da coxa do adversário. Apesar de na época ter conquistado o título de campeã absoluta no judô da USP levei a maior surra e claro, muitos esfolões nas pernas, pois a luta era no chão de terra batida. Limpei e passei mercúrio nos machucados superficiais, mas ao invés de cicatrizes foram abrindo e se tornaram feridas enormes devido a infecção tropical causada por bactérias às quais não somos resistentes. Sem anti-corpos, tive febre altíssima com delírios devido à infecção. Não havia remédios na aldeia e para





chegar ao posto de saúde mais próximo precisei andar com a perna endurecida durante 1 hora pela mata, pegar um barco com um índio e remarmos por várias horas até o posto Leonardo onde fui medicada com antibióticos. Nestas horas sentimos o quanto somos frágeis ao contato com meios diferentes.

Quando estava nas aldeias, comia e dormia nas casas das famílias que me hospedavam, em geral, na casa do chefe. Sabia que uma visita a mais era um peso para a casa, pois os alimentos são obtidos diariamente, apenas o beiju de mandioca é estocado. A pesca é diária e se não há peixe o alimento é apenas o beiju ou mingau de mandioca para toda a família. Os índios não usam sal ou açúcar, o que é bastante saudável, mas um tanto difícil ao nosso paladar viçado em temperos. Levar comida à uma aldeia é algo impossível devido as distâncias que às vezes precisamos percorrer a pé até chegarmos no local desejado. Para chegar a algumas aldeias do Parque precisamos percorrer horas de trilhas nas matas, passagens em cima de troncos nos rios, alagadiços, etc. Já é um malabarismo salvar você e sua câmera, imagine preocupar-se com sacos de comida. Nas aldeias é proibida a entrada de bebidas alcoólicas e isto preserva bastante os índios do Parque, pois noutros lugares onde não existe este controle, o alcoolismo é responsável pela destruição das comunidades.

O importante como bagagem é levar uma rede para dormir e habituar seu corpo a ela. Nos primeiros dias pode parecer difícil, mas o corpo cansado se rende após o terceiro dia de contorções para se ajeitar. Os índios dormem muito cedo. Ao anoitecer, vão se deitar e se levantam às 4 horas da manhã. Neste horário a água dos rios é bastante quente e toda a família vai se banhar e depois se secar ao lado das fogueiras. Nossa relógio biológico também sofre

um pouco a esta adaptação e quando voltamos para casa, após um mês, nos tornamos um tanto anti-sociáveis indo dormir às 19 horas e dispensando os amigos das noitadas.

Minha convivência com os índios sempre foi muito boa, nunca tive nenhum problema de assédios, o que poderia ser comum para uma mulher sozinha em meio a um grupo desconhecido e isolado. A maioria dos habitantes na época em que ia ao Parque, não falava português e também não davam atenção a estranhos. Assim o silêncio era um exercício difícil, que diariamente necessitava elaborar. Era um tanto difícil aprender os dialetos; no Xingu há 16 diferentes, originados de quatro troncos linguísticos. Cada aldeia fala um dialeto diferente e ficava difícil conhecer bem algum devido as minhas peregrinações.

Não é nada fácil a adaptação alimentar, pois apesar dos peixes serem frescos e saborosos, a falta de variedade começa a cansar e ao trigesimo dia não é raro estarmos sonhando com um bife, frango assado, arroz, macarrão....

Uma vez comi gafanhotos assados, é um prato típico nas aldeias e tirando o medo de alguma patinha se agarrar na minha garganta, o gosto até que não era tão ruim, parecia capim. A fome ajuda muito bem nas adaptações, mais do que os discursos antropológicos e ideológicos. Todas estas experiências foram muito importantes para conhecer uma cultura diferente da nossa e notar que não temos auto-suficiência em quase nada. Somos dependentes das indústrias alimentares e de todas as outras mais. O índio constrói sua própria casa, produz sua própria comida enquanto nos sentimos impotentes sem um supermercado para fazer compras ou um Mac Donald's para nos atender com sua fast -food.

Alguns dias na aldeia servem para desintoxicar o corpo e exercitar a mente. As fotografias, são consequências.

